



## NARRATIVAS ORAIS DE GURUPÁ: COMUNIDADE QUILOMBOLA GURUPÁ-MIRIM

Rose Mary dos Santos Moura (UFPA)<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Me. Elson de Menezes PEREIRA (UFPA)<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo registrar o patrimônio oral da Comunidade Quilombola Gurupá-Mirim no município de Gurupá - Pará, valorizando a história e a cultura-afrodescendente local. A pesquisa foi desenvolvida através do registro de narrativas orais de moradores do Quilombo Gurupá-Mirim. Recortes dos depoimentos são analisados a luz de referenciais como Bosi (2001), que considera a lembrança como “uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. Neste espectro as narrativas orais desta comunidade apresentam tanto aspectos individuais quanto coletivos, misturados a elementos do presente e a experiência de cada narrador. Tais narrativas mantêm-se no presente de forma viva, e reelabora-se a cada contar, num processo que pode contribuir para a sua manutenção como elemento socializador da comunidade, configurando uma tradição que se faz presente desde o início da formação da comunidade até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Narrativa. Oralidade. Memória

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é traçar um panorama geral da comunidade Quilombola em terras gurupaeense, contando sua história através da narrativa oral. A comunidade dos quilombos escolhida para a pesquisa foi a Comunidade Quilombola Gurupá-Mirim, localizada no meio rural do município de Gurupá, no estado do Pará. Nela vivem aproximadamente 50 famílias e destaca-se por manter seus costumes, suas crenças e tradições despertando assim interesses de pesquisadores e ativistas de movimentos sociais de diversas partes do mundo. Porém, Gurupá-Mirim não permaneceu intocada ou isolada, uma vez que, assim como outras comunidades quilombolas, ainda sofre com as invasões de suas terras e luta para ter seus direitos garantidos. Este trabalho consistiu no registro em áudio das narrativas orais contadas pelos narradores da Comunidade Quilombola Gurupá-Mirim, *in loco*, utilizando metodologia de história oral. Ao longo do trabalho, alguns trechos desses depoimentos foram inseridos.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras-Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará.

<sup>2</sup> Professor da Faculdade de Letras/ Universidade Federal do Pará – Campus do Marajó-Breves.



A pesquisa foi desenvolvida através do registro de narrativas orais de moradores do Quilombo Gurupá-Mirim. Recortes dos depoimentos são analisados a luz de referenciais como Bosi (2001), que considera a lembrança como “uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. Neste espectro as narrativas orais desta comunidade apresentam tanto aspectos individuais quanto coletivos, misturados a elementos do presente e a experiência de cada narrador. Tais narrativas mantêm-se no presente de forma viva, e reelabora-se a cada contar, num processo que pode contribuir para a sua manutenção como elemento socializador da comunidade, configurando uma tradição que se faz presente desde o início da formação da comunidade até os dias atuais.

## **COMUNIDADE QUILOMBOLA GURUPÁ-MIRIM: MITOS, NARRATIVAS E NARRADORES**

A comunidade é formada por uma mistura de índios, brancos e negros, sendo que a maioria dos moradores é descendente de escravos, pertencente ao município de Gurupá-Pa, onde a sabedoria popular, o misticismo, a história, a memória, a literatura oral, a escrita e muitas vezes a ausência dela estão reunidos nos cantos e encantos daquele lugar. Ali florescem lendas e causos, contados na escola, em reuniões de amigos em frente de suas casas ou no centro comunitário, cujos moradores somam cerca de 240 pessoas aproximadamente. Testemunhas não faltam para os casos maravilhosos que correm de boca em boca, e vai passando de geração a geração e que parecem ser importante instrumento para a reelaboração da memória daquela comunidade, que se orgulha de ser descendente de escravos e que tem grande interesse em manter viva a tradição do povo daquele quilombo.

A própria história da fundação da comunidade, partilhada entre seus moradores, baseia-se num mito de origem que vem sendo reconstruído oralmente ao longo dos anos, aqui recontado a partir das narrativas orais da comunidade. Mito vem da palavra grega (*mythos*) que pode ser traduzido como discurso ou narrativa. O termo “mito” especifica aqui uma história narrada, indiferente do julgamento que façamos sobre ela de verdadeira ou falsa.

Segundo os narradores, as famílias negras fugitivas antes mesmo de chegar a este quilombo ficavam na Vila de Gurupá para servir de escravos aos patrões daquela época, e após muito sofrimento, fugiam para os altos do Gurupá-Mirim e nessa fuga levaram consigo a imagem de São



Benedito o “Santo protetor dos negros”. Ali se estabeleceram, criaram seus filhos e seus descendentes permanecem até os dias atuais, repassando suas histórias de geração a geração.

**Como se deu origem da comunidade é apenas uma das narrativas orais que ali circulam,** contadas por narradores eleitos como “guardiões da memória”, não somente pelo critério de idade, mas também pelo interesse que possuem em manter a tradição do lugar e descobrir sua verdadeira origem: Maria Theodomira Brilhante (a Dona Jita) como é conhecida, com 86 anos de idade é uma das guardiãs daquela comunidade e descendente de negros, porém existe uma senhora que mora nas cabeceiras do rio que tem 103 anos aproximadamente, mas como é muito longe, não deu para fazer a entrevista com ela; Milton Viana Lima, 74 anos (Seu Zé Branco), filho do senhor Nilo Pereira Lima que era foguista do navio negreiro é descendente de branco, que segundo os mais antigos, traziam os escravos e também era dono de escravos naquela época. Existiam famílias que eram escravas do seu Pedro Nunes Pereira, morador antigo do Quilombo já falecido, que o povo só o chamava de coronel. Hermes Viana da Costa, 66 anos, membro do Conselho Paroquial; Hernandes Pantoja da Costa-29 anos, Coordenador da Comunidade; Josinaldo Pantoja Fernandes, 34 anos, professor e neto da Dona Jita, Izabel Félix Pantoja, 63 anos, filha mais velha da dona Jita, guardiã da comunidade, entre outros.

Além da busca pela origem da comunidade através das narrativas orais, outros mitos como o aparecimento do rastro do pé do São Tomé cravado na pedra e outros causos como “A mulher que aparecia em riba da pedra” contada pelo seu Milton e do “Sapo de olho cor de fogo” narrada pela dona Jita, são narrativas orais transmitidas de pai para filho em Gurupá-Mirim. Tais histórias são reconstruídas ao longo dos anos pelos narradores cuja arte, segundo Walter Benjamin (1987, p.197), “está em vias de extinção, são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”.

No entanto, na Comunidade Quilombola de Gurupá-Mirim, lugar onde a oralidade ainda tem grande força na sociabilidade da comunidade, a arte de narrar experiências individuais e coletivas ainda é forte: constitui-se uma prática comunicacional que resiste à influência dos grandes meios de comunicação e parece continuar sendo importante fator de produção simbólica e discursiva, que influi na sociabilidade dos moradores daquela comunidade.

Em Gurupá-Mirim, pessoas como Maria Theodomira Brilhante (a Dona Jita com 86 anos) e o Sr. Milton Viana Lima, (Seu Zé Branco com 74 anos), deixam de ser apenas contadores de causos. De acordo **Gotlib (1998)**, repassam os contos orais que herdaram de seus antepassados. Para tanto, utilizam-se de instrumentais que vão além do próprio contar.



A voz do contador, seja oral, ou seja, escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta – a entonação da voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões – que é possível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção de seu auditório. (GOTLIB, 1998, p. 13).

O momento da criação das narrativas é incerto, mas o que se percebe é a fluidez com que são reelaboradas de narrador para narrador, e recontadas a partir das experiências individuais de cada um, formadas na relação com o outro. Rodrigues (1994, p. 101) considera a experiência como “um conhecimento que se possui no presente, mas que se refere, no entanto, sempre a algo de ausente que se reporta ao passado e se considera como perdido”. Ao mesmo tempo em que são contadas no presente, as narrativas orais de Gurupá-Mirim, trazem pontos tanto do passado quanto do cotidiano do narrador. O ato de narrar pode ser considerado, retomando Rodrigues(1994), como uma forma de atualização do passado para dotar de sentido o presente.

Para Benjamin (1987), o narrador diferencia-se do romancista por retirar da sua experiência o que ele conta, bem como da experiência relatada pelos outros. Estas se misturam às experiências dos ouvintes, que as assimilarão às suas próprias experiências e as recontará um dia, contribuindo para sua manutenção.

Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com a descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (BENJAMIN, 1987, p.205)

O autor compara a marca do narrador, a um artesão, e é impressa em cada narrativa oral dos moradores de Gurupá-Mirim. Cada um deles apresentou uma versão do que é contado, de acordo com sua experiência de vida e sua própria memória. No entanto, tal variedade de versões, de detalhes, reelaborados ao longo da existência das próprias narrativas, pode ser uma característica da criação artesanal dos narradores, esses artesãos cuja matéria é a vida humana. Ecléa Bosi (2001) observa que toda narrativa, é uma forma artesanal de comunicação, mistura-se com a história dos próprios narradores.

Nesta comunidade essa característica é visível, quando o próprio narrador não é testemunha do acontecimento, ele atribui a alguém de sua confiança, como o pai, avô ou bisavô ou a uma pessoa mais antiga a veracidade dos fatos que está sendo contado. Tomando o mito de origem da comunidade como objeto de análise, pode-se observar a pluralidade de versões que circulam na



comunidade revelam a escolha do que deve ser preservado e do que devem ser suprimidos, os jogos de poder presentes em cada discurso. E isso se pode perceber na fala de cada entrevistado.

Eu era o segundo coordenador da comunidade e atualmente estou assumindo como o 1º coordenador. Em relação à história do nosso povo, não existe um documento que esteja registrado os fatos históricos, apenas sabemos o que nossos pais e avós contam pra nós. Mas quem sabe falar sobre o inicio da história dessa comunidade é meu pai, a dona Jita e seu Zé Branco. Hoje com a questão das novas tecnologias, estamos perdendo um pouco os nossos costumes, crenças e tradição. Aos poucos estamos tentando organizar essa questão da preservação da nossa cultura, lutando pra resgatar um pouco daquilo que era antes. Mas o festejo dos Santos continua, é certo que passamos por uma certa transformação, porém se nossos pais e a escola não se integrarem pra promover e ajudar fortalecer essa vivência de como era antes e como está hoje, com certeza iremos perder nossa identidade. Dentro da área da educação estamos construindo o PPP [Projeto Político Pedagógico] voltado ao conhecimento dos nossos costumes, crenças e tradição, principalmente a questão da partilha que ainda hoje, vivenciamos. Se vai pro mato mata uma caça divide-se com o vizinho, na época dos festejos também fazemos a partilha. No que diz respeito a misura, eu tenho 29 anos, e nunca vivenciei nada até hoje, ouvi meus pais falarem desses mitos e visagens, que tinham por aqui. Inclusive nesse porto onde está o pé do Santo na pedra, às seis horas ninguém podia ir pra lá. Quem desobedecia e teimasse de ir, seria assombrado pelas visagens que apareciam naquele local. Mas, temos pessoas que podem falar sobre isso. O que há de concreto mesmo na comunidade é o Título Definitivo de Terras doado pelo governo do Estado a ARQUIMIG [Associação dos Remanescentes de Quilombos do Município de Gurupá]. E uma parceria com o Museu Hemílio Goeldi para fazer o resgate da nossa história e será arquivada no Centro Cultural da nossa Comunidade. É um projeto interessante onde a comunidade irá construir sua própria história em parceria com o Museu. (Depoimento de Hernandes Pantoja da Costa, 29 anos - Coordenador da Comunidade, 19/10/2014)

Josinaldo, que ouvia de seus avós tais relatos, menciona na sua narrativa a vinda dos escravos foragidos a estas Terras e sobre o pé do São Tomé encontrado cravado nas pedras:

Não existe nenhum registro sobre a fundação da comunidade, pelo menos do meu conhecimento, ouço falar pelos mais antigos que se deu através da vinda dos negros fugitivos que vinham da Vila de Gurupá pra esse lugar no período da escravidão [...] Em relação aos causos que se conta de boca em boca, na época da construção da capela, começaram quebrar pedra lá embaixo, e ao anoitecer as pessoas que estavam quebrando a pedra não conseguiam dormir. Em seus sonhos vinha alguém dizer que era para parar de quebrar se não iam ficar perturbados, muitos que continuaram o trabalho chegou até dí febre neles. Os mais idosos que contam essa história. E isso deve se dar talvez pela preservação da pedra onde apareceu o rastro do pé do São Tomé e estavam quebrando as pedras bem próximo ao local. Eu acho que o Santo se zangou! Mas, existem pessoas mais antigas como seu Hermes, seu Zé Branco e a vovó Jita que sabem falar mais sobre a história da comunidade, eles são os guardiões daqui. (Depoimento do professor Josinaldo Pantoja Fernandes – 34 anos - 19/10/2014, neto da dona Jita).

O Senhor Hermes também reafirma na sua fala que não existe registro sobre a história da comunidade, mas que estão tentando reconhecer e valorizar as tradições, os costumes e crenças para que não venha perecer no futuro.



Não existe um registro da fundação da comunidade, só sei que existe dois períodos um antes da criação das CEBS [Comunidades Eclesiais de Base] no ano de 1971 e outro depois. Antes de 1971 existiam poucas famílias. Mas nessa época, a maioria não sabia ler. A sobrevivência entre 1800 a 1909 era com a plantação da mandioca e extração do timbó. A divisa das Terras era feita entre Xiquara, Ribeira e Autos do Gurupá-Mirim. Segundo os mais antigos os negros fugiam lá da Vila de Gurupá e se instalavam no Gurupá-Mirim e as primeiras famílias foram as dos Brilhantes, dos Félix, dos Monteiro e dos Lima. Existia a Festa de Santo Antonio o Santo dos brancos dos Patrões e a Festa de São Benedito, o Santo dos negros dos Escravos que iniciou nos Alto do Gurupá-Mirim. O Pedro Lima, avô do Zé Branco, que morava no povoado de Gurupá-Mirim era dono de escravos naquela época. Não era ainda do meu tempo, mas segundo os mais antigos a festa de São Benedito começou nas cabeceiras do Gurupá-Mirim, devido os negros que vieram pra cá e prestavam homenagem ao Santo dos negros. As festas já da minha época era a quadrilha em que a vestimenta das mulheres era vestido cumprido rodados e dos homens era calça cumprida e camisa de manga cumprida também, os passos também eram diferentes do atual. Nas festas os tambores, a folia dos Santos, a dança do gambá permanece até hoje com algumas alterações. As irmandades existentes nessa época eram de São Benedito, depois São João e depois a Nossa Senhora de Nazaré. Hoje existe algumas modificações na cultura, na tradição do povo, antes a festa era feita com flauta de embaúba, o banjo, colher e demais utensílios que fizesse barulho. Mas estamos tentando passar aos nossos filhos e netos a nossa cultura, crenças e tradições do nosso povo, para que não fique esquecida na memória. (Depoimento de Hermes Viana da Costa-66 anos - 19/10/2014, Membro do Conselho Paroquial).

De acordo com os depoimentos, não existe nada escrito sobre a fundação da comunidade e nem da sua origem, O senhor Milton Viana conhecido como (Zé Branco) contou que quando seu pai faleceu, ele tinha dez anos de idade e os mais antigos já diziam que a comunidade iniciou com 07 famílias que tinham os seguintes patriarcas: Pedro Nunes Pereira, Nilo Pereira Lima (pai do senhor Milton), Antonio Viana Valente, Severino Gonçalves Viana, Joaquim Nunes, João Laurindo e Francisco Lúcio Félix (pai da Dona Jita) que moravam nas cabeceiras do rio Gurupá-Mirim.

Não tem nada escrito sobre a fundação da comunidade e nem como se originou. Quando mi entendi já existia os festejo dos seguinte Santos: Nossa Senhora de Nazaré, Santo Antonio, São João e a festa de São Benedito que era festejada no mês de abril nas cabeceiras do rio pelos negros. O São Benedito era o Santo dos escravos, dos pretos né, por ele ser negro, e o Santo dos brancos era Santo Antonio, assim os mais velho contava! Em relação do pé do Santo cravado na pedra, segundo os mais antigo que falava pra gente que é o pé de São Tomé, mas como foi parar ali, ninguém sabe. Até hoje continua sendo um mistério! Quando meu pai morreu, eu tinha dez anos de idade, e os mais antigo dizia que essa comunidade iniciou com 07 família e cada família tinha um patriarca que era: Pedro Nunes Pereira [o coronel] como era conhecido, só não sei porque chamavam ele assim) Nilo Pereira Lima (esse era meu pai que trabalhava como foguista do navio, seu Antonio Viana Valente, seu Severino Gonçalves Viana, seu Joaquim Nunes, João Laurindo e o Francisco Lúcio Félix [pai da Jita] que morava nas cabeceira do rio, lá em cima! Meu pai também era dono de um bocado dessas terras, e quando morreu deixou pra mim, aí eu viajei pro Jari, quando voltei, já tinham dividido tudo e dado pro povo quilombola. Sobre visagi eu mesmo nunca vi, os mais antigo diziam que havia uma pedra grande lá embaixo, e ainda existe essa pedra, onde as mulheradas lavavam roupa e que sempre aparecia uma mulher lavando roupa em riba da pedra e assustava quem visse ela, diz que era uma visagi! Os mais antigo é que contava. Ninguém podia passar por ali, depois das seis horas da tarde, quem teimasse era malinado pela visagi. (Depoimento do Senhor Milton Viana Lima 74 anos - Seu Zé Branco, como é conhecido - 19/10/2014).



A Senhora Maria Theodomira, mais conhecida como “Dona Jita”, por exemplo, enfatiza em sua versão do mito de origem da comunidade a importância da tradição dos Festejos do São Benedito conhecido como o “Santo dos negros”, que teria herdado do seu avô Emiliano José Félix descendente de negros, que fez parte dos moradores mais antigos, enfatiza em sua versão do mito de origem da comunidade a importância da tradição dos negros remanescentes de quilombo, que faz parte da sua própria história de vida, ou de sua experiência:

Meu avô Emiliano Félix dizia que veio junto com os outros negros fugidos pro povoado de Gurupá – Mirim, meu bisavô, meu avô e outras família daquela época que fundaram a comunidade, antes de 1928, que é o ano do meu nascimento. No caso, não sei se vinheram da África, só sei que todos era negro e morava nas cabeceiras do Rio Gurupá-Mirim, o meu avô, meu pai, o seu Manoel do Patrocínio, a dona Orcinda Barreto Jovino e o Pedro Lima que se dizia dono desse povoado naquela época, ele mandava em tudo, os outros não tinha nada, o pai do Zé Branco também era dono de escravo. Depois de muito tempo e de muita luta foi que o governador do Estado deu o Título de Terra Definitivo pro povo quilombola. Os Festejos do São Benedito conhecido como o ‘Santo dos negros’, nós herdamos do meu avô Emiliano Félix que era descendente de negros, que fez parte dos moradores mais antigos, talvez a origem da comunidade se deu por meio dos negros daquela época, e tenho orgulho de fazer parte dessa história de vida e repassar pros meus filhos, netos, bisnetos e demais pessoas daqui da comunidade. Me lembro que antes tinha o Chote, a quadrilha a dança do gambá que era dançada pelos negros. As festas eram tocadas por flauta, tambor, violão e clarinete. Sobre o pé do Santo na pedra, já existe há muitos anos, só não se sabe como foi parar ali. A imagem do São Tomé que é dono do pé que aparece na pedra, continua no altar da Capela e a comunidade festeja sempre o dia de São Tomé. A comunidade tem também várias associação: Associação dos Quilombolas, Associação dos criadores de abelha, Associação dos Aviários [criadores de frangos], tem alguns dos meus filhos e netos que participa ativamente da associação da comunidade. Quando a associação organiza um mutirão na comunidade, as mulheres e os homens participam, mas com trabalho diferente: A mulher não fica pegando no pesado, mas fica preparando a comida pros homens que tão na labuta. Os jovi participa mais das atividades da associação: “Inclusive a associação é formada por muitos jovi. Tem jovi que já até assumiu mandato de coordenador, uns dois mandatos que eles os [jovi] estão direto, né! Eles quando entraram eram bem novinhos e já conseguiram várias coisa que os mais velhos estavam há muito tempo lutando e não conseguiram. Os mais antigo lutaram muito, desde o início, pra conseguir o título das terras, mas não conseguiu a titulação. Aí veio as associação que lutam reivindicando a melhoria da comunidade, mas ainda não conseguiram a construção da escola. Existe muitos causos de visagi aqui, mas o que eu vi mesmo, foi o sapo do olho cor de fogo: um dia eu tava lavando roupa em cima da pedra e de repente apareceu um sapo enorme com o olho igual de uma brasa e a costa toda amarelada que brilhava e crescia, eu não podia passar porque ele tava no meio do caminho que vinha pra casa, fiquei com um grande medo, arredei e comecei a rezar o pai nosso, a reza da Nossa Senhora do Desterro, pra desterrar aquele bicho dali. Quando patetei, o sapo sumiu. Esse eu vi, ninguém me contou. (Trecho de depoimento de Maria Theodomira Brilhante Félix - Dona Jita, 19/10/2014).

Izabel, que ouvia de seus avós tais relatos, também menciona a vinda dos negros de canoa à vela pra esse lugar. Diz que ouviu essa história de seu avô quando ainda era menina. Quando questionada sobre religiosidades e festas dos quilombolas de Gurupá-Mirim, ela responde que não existem outras religiões, há somente a religião católica. A umbanda e o candomblé já foi muito



presente na vida dos moradores antigamente, hoje, apenas uma de suas tias cultua os pais de Santos e seus orixás.

Eu me considero descendente de escravos com muito orgulho. Naquela época, meu avô Francisco Félix contava que morava aqui no Gurupá-Mirim a família do seu Manoel do Patrocínio e da dona Orcinda, que também eram todos descendentes de escravos. Essas famílias já faleceram e alguns do seu pessoal foi embora e a gente ficou. Meu avô contava que os negros vinham pra Vila de Gurupá e chegando no povoado eram muito maltratados pelos donos de escravo daquela época e fugiam de canoa à vela e pelo mato pras cabeceiras do Gurupá-Mirim. Meu avô era escravo, ele dizia que veio junto com os primeiros escravos fugidos pra cá e iniciaram a Festa de São Benedito na 1ª irmandade que hoje é chamada de comunidade e depois ele passou pro seu Nilo. Nessa época eles sobreviviam da caça, da pesca do roçado de milho, mandioca, melão, melancia e na época da colheita era dividido com as famílias. Quando me entendi já existia a gruta lá nas pedras onde a gente tirava água pro consumo, e lá já existia o pé do São Tomé cravado na pedra. E nessa época nossos pais não deixavam a gente ir pra lá por volta de meio dia e seis horas da tarde, pois aparecia muita misura por lá e assombravam a gente que não obedecia os mais velhos. Como apareceu esse desenho do pé desse Santo ninguém sabe, até hoje continua sendo um mistério! Existe a imagem do Santo lá na Igrejinha e a comunidade festeja o dia dele. Na nossa comunidade não existe outras religiões, é somente a católica mesmo. De umbanda e candomblé, antigamente existia muitas famílias que trabalhavam e cultuava, hoje só existe a minha tia que ainda recebe os caboclos, pais de Santos e seus orixás e faz as benzeções, os trabalhos, as garrafadas e outros. Mas, pra nós faz parte da tradição né. É meio reservado, ela faz os trabalho na casa dela. Graças a Deus ela não sofre preconceito, é respeitada na comunidade. Já em relação às festas religiosas, são quatro as principais comemorações da comunidade: São Benedito [em abril], Nossa Senhora de Nazaré [em outubro], Festa de São Tomé [em julho] e São João [em junho], tem as novena, a ladainha e depois procissão com a imagem dos Santos que é tanto fluvial que acontece no igarapé e a que percorre as ruas e a estrada que vem da Ribeira pro Gurupá-Mirim. Ah! E tem o domingo alegre, tem leilão dos donativos que é arrecadado pelos moradores da comunidade. Nessas festas a gente expõe nossos trabalhos, e tem a dança do gambá na comunidade, essas são as festas feita pelos moradores, mas vem gente de todo lugar, participar com a gente. Mas, a festa mais movimentada é a Festa de Nossa Senhora de Nazaré, porque ela é a padroeira da comunidade. (Trecho de depoimento de Izabel Félix Pantoja – 63 anos, 05/11/2014)

Observou-se durante as entrevistas, que cada um privilegia a origem da comunidade sob seu ponto de vista. No caso da Comunidade Quilombola Gurupá-Mirim, os “arquivos-vivos”, que são, segundo Foucault (1987, p.146) a lei do que pode ser dito, ganham lugar de destaque num universo discursivo que privilegia a manutenção da memória e da tradição. Sob as direções do arquivo-pessoa, novas regras para a comunidade são criadas, legitimadas pelo saber histórico que cada um deles domina.

Desse modo, justificam-se a posição de destaque legada aos contadores da história de Gurupá-Mirim, numa relação que vai além do respeito, mas passa pela valorização do saber histórico que possuem. Alguns elementos são recorrentes nas versões aqui expostas: a descendência dos escravos, a origem da comunidade, o rastro do pé de São Tomé que apareceu na pedra e continua até os dias atuais como um dos mitos que perpetuam naquela comunidade. Outros detalhes de como surgiu a comunidade são variáveis.



Os elementos recorrentes podem ser considerados como aquilo que se pretende partilhar e adotar como memória do lugar, como a valorização dos ancestrais, associados à bravura e a persistência dos primeiros moradores negros daquele quilombo.

Quando falamos em memória, alguns elementos parecem ser do domínio individual, como a experiência passada, que se mistura à experiência presente. No entanto, essas próprias experiências do passado, aparentemente vindas do domínio individual, são construídas na relação com o outro, ou seja, na esfera do social e do coletivo. É nessa interseção e na tensão entre o individual e o coletivo que se reelabora a memória, trazendo elementos dos dois âmbitos, tanto do passado quanto do presente.

Na Comunidade Quilombola Gurupá-Mirim, percebe-se que um dos principais elementos fundadores da memória da comunidade é o mito de sua origem, sobre o qual já foi discorrido anteriormente. Trazendo elementos tanto individuais como coletivos, o mito de origem parece ser o fator de coerência em torno do qual a prática comunicativa de narrar experiências – também individuais e coletivas – se fortalece.

O primeiro domínio no qual se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento aparentemente histórico à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem. (LE GOFF, 1996, p. 424).

Gurupá-Mirim, apesar de já ter contato com a escrita, descendente de escravos que não possuíam acesso à leitura, e ainda existem pessoas não alfabetizadas na comunidade. Nesse contexto, o passado, através da voz dos contadores, é constantemente rememorado e reconstruído a cada contar.

Assim, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, aquela criada a partir das relações sociais e do reconhecimento do indivíduo nessas relações. Bosi (2001) considera:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 2001, p. 55).

Assim, as narrativas orais da Comunidade Quilombola Gurupá-Mirim apresentam tanto aspectos individuais quanto coletivos, misturados a elementos do presente e à experiência de cada narrador. Tais narrativas mantêm-se no presente de forma viva, e reelabora-se a cada contar, num processo que pode contribuir para a sua manutenção como elemento socializador da comunidade.

Além do mito de origem da comunidade, outras narrativas orais possuem grande destaque na vida social de Gurupá-Mirim, como as lendas e causos contados pelos moradores mais antigos. São ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131



lugares de memória, a partir dos quais são reelaboradas. São narrativas que assumem uma função utilitária dentro da comunidade, servindo de elemento tanto para a manutenção de sua memória quanto para o repasse de ensinamentos aos mais jovens, num processo dinâmico de criação.

Tomando essas narrativas como um processo de criação artesanal, reelaborada constantemente e mantida ao longo dos anos, pode-se questionar se a longevidade textual que apresentam seria uma característica de seu caráter literário. Para Lima (1975, p. 28), a longevidade artística resulta da capacidade do texto constantemente metamorfosear-se diante de situações históricas novas. Cândido (1965) reflete que “a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer [...]” (CÂNDIDO 1965, p. 54). Para o autor, a função total seria o resultado da elaboração de um sistema simbólico que exprime representações individuais e sociais, que vão além da situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo.

Embora as narrativas orais de Gurupá-Mirim estejam ainda dentro do domínio da comunidade, o fato de extrapolarem o momento em que foram criadas e continuarem sendo reelaboradas como produto cultural da comunidade poderia mostrar como sua função total estaria sendo cumprida. Por outro lado, além da função total de representação, as narrativas orais desta comunidade também apresentam uma função social, já que encerram em seu discurso valores e tradições relativas à comunidade.

Os contos orais exercem em seu contexto a função social de ensinar às gerações um modo de conciliação do muito novo e do extremamente antigo, mesmo arcaico, ideando uma colagem que sugira os caminhos do que se pensa no mundo moderno sem o abandono do passado. (PEREIRA, 1996, p. 62).

Tal afirmativa vem ao encontro do que Benjamin (1987, p. 200) defende sobre a dimensão utilitária das narrativas. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.

As narrativas orais da Comunidade Quilombola Gurupá-Mirim refletem bem essa característica. Em todas elas há referência a alguma contravenção feita pela personagem principal e sua punição, encerrando em si um ensinamento para os ouvintes, principalmente para as gerações mais novas. Uma das narrativas, por exemplo, diz respeito à obediência aos mais velhos, se caso não obedecessem seriam punidos pelos seres imaginários. Dessa forma, acabam por fazer o elo que Pereira menciona entre o passado e o presente, relembrando a tradição e os valores da comunidade.



Apesar de não ser uma comunidade sem escrita – a descendência de escravos aponta a presença forte da oralidade que, até os dias atuais, possui um papel muito importante no processo de socialização da comunidade, embora tenha acontecido o advento da escrita. O que se percebe é que a memória coletiva de Gurupá-Mirim parece continuar sendo reelaborada fundamentalmente a partir das narrativas orais que ali circulam.

Para Bosi (2001), o instrumento socializador da memória é a linguagem, independente de como ela se apresenta. “As convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória coletiva”. (BOSI 2001, p. 56). Subentende-se que antes mesmo da linguagem falada, já existia uma linguagem sob forma de armazenamento da informação na memória.

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. (ATLAN, 1972, in LE GOFF 1996, p. 461)

Sendo assim, a linguagem tanto oral quanto escrita teria a mesma função: registrar a memória existente no discurso. O que diferenciariam as duas formas de linguagem, portanto, seriam os instrumentos para a elaboração dos discursos: os contadores lançam mão do ato de contar, de representar, para expor sua memória. O arquivo é o próprio corpo e, o ar, o suporte no qual são lançados os discursos por eles proferidos. No caso da escrita, o suporte é o papel ou o arquivo eletrônico.

Em ambos os casos, pode ser levado em consideração o conceito de arquivo que segundo Foucault (1987, p. 142) “são todos esses sistemas de enunciado (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho a chamar de arquivo”, situado entre a tradição e o esquecimento. Independentemente do suporte usado para registrar a memória, o arquivamento existe e é o responsável por sua manutenção, uma vez que está entre a tradição e o esquecimento. Volta-se para o passado, com vistas a construir o futuro, sem perder de vista aquilo que deve ser lembrado, o que foi legitimado pela memória coletiva.

Dessa forma, as narrativas orais tomadas aqui como fruto de um arquivamento feito pelos “guardiões da memória”, relacionam-se tanto com o passado quanto com o presente. Trazem em si aspectos que reforçam a memória da comunidade e, com isso, acabam por relacionar-se também com a memória individual e coletiva de seus membros.

Le Goff (1996) considera:



A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF 1996, p.147).

A existência de uma memória coletiva geraria um sentimento de pertencimento, um despertar para as tradições, o que pode acontecer tanto via narrativas ou mitos, quanto por meio dos ritos. Na Comunidade Quilombola Gurupá-Mirim, além do mito de origem, os ritos continuam rememorando uma tradição do passado: a Festa dos Santos e a Folia continuam exercendo suas atividades e os recém-nascidos ainda recebem o nome de “Santos”, em homenagem aos santos padroeiros da comunidade. Nota-se que a comunidade tem a intenção de se organizar, manter seus costumes e repassá-los aos mais novos, pode-se conjecturar a necessidade de uma afirmação da identidade negra, das raízes escravas de que tanto se orgulham.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, verifica-se que as narrativas orais, as tradições e causos assumem um papel de fator relevante na reelaboração da memória coletiva daquela comunidade, consciente de suas origens. É a reafirmação da memória coletiva, do mito de origem que unifica e converge a história oficial para caminhar junto com a voz dos narradores. É o saber mítico dos “guardiões da memória”, legitimado e valorizado pelos membros da comunidade.

Percebe-se nas falas dos contadores, o zelo para que a memória seja constantemente atualizada e divulgada para a nova geração. É por isso que, acontecem frequentemente reuniões para passar aos mais jovens esses conhecimentos orais, numa forma de sociabilidade que remonta aos tempos antigos. E é assim, nessas reuniões, no centro comunitário, na escola, na roda de conversa em frente das casas que o conhecimento a respeito da Comunidade Quilombola Gurupá-Mirim vai se formando, sendo reelaborado, reinventado e recontado à própria memória da comunidade.

## **REFERÊNCIAS**

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 3<sup>a</sup> edição, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Schwarcz Ltda., 2001.



CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 4<sup>a</sup> edição, 1998.

LE GOFF, Jacques. **Memória. In História e Memória**, São Paulo: Editora Unicamp, 1996.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Editora S.A., 1975.

PEREIRA, Vera Lúcia Felício. **O artesão da memória no vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Editora PUC Minas, 1996.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação**. Lisboa: Presença, 1994.